



Ercilia Pollice

Soltando o tempo

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2016



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO

DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P774S POLLICE, ERCILIA. 19XX-
SOLTANDO O TEMPO / ERCILICA POLLICE. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2016.

204 P. : 22,5 CM.

ISBN 978-85-5833-XXX-X

1. ROMANCE I. TÍTULO.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

I.

Estava ainda escuro quando Elena acordou. Era o velho hábito. Desde menina fora assim: o primeiro ruído da casa já a despertava. Também, a vida sempre começara bem cedo: escola, aula de ginástica, o treino de basquete... Quando não precisava sair, costumava pegar um livro para ler. Mesmo agora, já mãe, com os filhos crescidos, sem nada de urgente para fazer logo cedo, ali estava ela acordada.

— Bem-te-vi!

O canto do passarinho trouxe-lhe, viva, a memória dos dias de infância. Há quanto tempo! No entanto tão perto... Curioso, como se pode guardar o já-vivido ontem como se estivesse ainda acontecendo dentro de nós?

Aconchegada debaixo das cobertas, na semiobscuridade do quarto, Elena sentiu de novo o ar frio daquela manhã de abril... tão longe! Era tão menina... Há quantos anos? Ouvia ainda o choro baixinho e sentido da mãe. Por que chorava? Depois lembrava-se das malas sendo carregadas, do balanço gostoso do trem, do colo amigo do pai e a sua voz, falando baixinho, como se contasse um segredo:

— Estamos mudando para outra cidade, Leninha.

— Pra onde estamos mudando, papai?

— Itanhaém! Lá tem mar. O mar é lindo, meu bem. Você vai gostar muito.

— Se é tão lindo, por que a mamãe chora sem parar?

— Ela está triste porque gosta muito daqui, e não queria deixar os parentes, os amigos, a casa. Mas logo tudo passa. Ela vai gostar de lá pra onde vamos.

Elena fechou os olhos. Aquele embalo gostoso do trem estava lhe dando sono.

Começou a pensar pra dentro, bem baixinho, com medo de que alguém a escutasse:

Como as pessoas grandes são tão complicadas! Se o pai dizia que lá era lindo, se havia mar, se estavam viajando de trem... haveria coisa mais gostosa do que viajar de trem? Arriscou num pensamento mais alto.

E assim o seu coraçãozinho louco pra sair pulando por aí, foi batendo uma batida acertadinha com o balanço do trem, sonhando com as pessoas e os lugares novos que iria conhecer. E imaginando como seria o mar, adormeceu, lembrando-se de ter visto certa vez uma gravura do mar, num livro de histórias. Pareceu-lhe bonito. Muito azul, com um risco de espuma e, lá longe, dava para perceber um navio.

Será que ia poder andar de barco? — E tudo se confundiu em sua cabeça, o mar, o trem, o choro da mãe, e o calor gostoso do colo do pai...

A viagem foi longa. Dormiram em São Paulo e no outro dia pegaram outro trem.

Sua mãe parecia-lhe muito cansada e quieta.

Leninha (como todos a chamavam) ia ora no colo de Marta, ora no colo de Maria. Cada qual a fazer-lhe as vontades. Suas irmãs a agradavam muito. Elas eram dez e doze anos mais velhas que ela.

— Olhe Leninha, vamos descer a serra do Mar!

— Olhe papai, que furacão fundo!...

— Agora vamos passar no túnel.

— O que é túnel?

— Túnel é um buraco feito dentro da montanha.

— Vamos passar dentro da montanha? Ela espiava a mãe, toda encolhidinha no banco, pálida, morrendo de medo, ao pensar na possibilidade do trem descarrilhar e despencar abismo abaixo. Leninha tinha pena da mãe. Não estava nem aproveitando a viagem.

— Papai, estou com uma fome danada.

— Já? Já chegaremos!

Leninha olhou pra fora, pela janelinha do trem e aprontou um pampeiro que acordou quem dormia e fez rir o vagão inteiro.

— Olha lá embaixo, é o mar! Quanto água que lindo não acaba mais não tem fim encosta no céu!

Ela falou tudo isso assim de uma vez só, sem tomar fôlego.

Seu amor pelo mar foi instantâneo e pra sempre.

O seu coração disparou.

Suas veias do pescoço saltaram enquanto ela falava assim tudo de uma só vez.

Ela sentiu um calor a queimar-lhe o rosto e as mãozinhas se tornaram frias e úmidas. Seu pai abraçou-a forte e dividiu com ela aquele momento mágico.

Até hoje, o mar povoa seus sonhos, faz parte das suas ilusões, das suas estranhas sensações de perda, de suas sonhadas viagens...

Todo o seu viver foi envolvido por barulhos de ondas que primeiro arrebentam fortemente, pra só depois espriarem-se com suavidade.



II.

— Já acordou Leninha? — falou a mãe.

— Durma mais um pouco. É muito cedo, filhinha, disse o pai.

— Fecha os olhinhos que o sono vem, disse a mãe.

— Tá bom. E lá foi ela fechando os olhinhos; piscando duro, tentando trazer o sono de volta.

Mas qual o quê, depois que acordava não adiantava mais.

Bastava o seu Nhonhô jogar as tralhas dentro do barco, e antes de desamarrear e empurrá-lo até o mar, pronto, Leninha acordava.

Aquele despertar com o barulho do barco do seu Nhonhô foi uma constante naquele ano em que morou próximo ao mar.

Só Deus sabe o quanto Leninha gostaria de ir junto com o seu Nhonhô para o marzão. Ela amava ouvir suas histórias. Mas bem sabia que nunca sua mãe permitiria tal façanha.

Seu Nhonhô era o que os antigos chamavam “pau pra toda obra”: pescador — caseiro — faxineiro — jardineiro — contador de histórias — plantador de plantas.

Ele morava nos fundos do quintal da sua casa próximo ao mar.

A casa pertencia a uma ordem religiosa. Era grande, com muito jardim e quintal pra ser cuidado.

Permanecia fechada quase o ano todo. Foi uma sorte seu pai ter conseguido alugá-la.

D. Joana, a mulher do pescador — caseiro (Nhonhô), ajudava sua mãe no serviço.

Eram pessoas boas e muito simples. De coração puro sempre prontos a servir. E o faziam com alegria.

Não tinham nada e tinham, contudo, uma grande riqueza: eram felizes consigo próprios. Não eram donos de nada, mas eram donos de tudo: o mar lhes pertencia por inteiro. O mato lhes dava a lenha e no pé da serra havia muitas bananeiras carregadinhas de frutas doces. E no armazém do seu Manoel Jorge havia o sal e a farinha para comerem com seu peixe.

Eram livres de leis, de regras, de preconceitos, de culpas, de invejas, de ambição.

Foi este casal de alma simples e coração alegre que ensinou a família a adaptar-se à nova vida.

Comparada ao conforto da cidade de onde vieram, a vida do vilarejo era bem atrasada. Também os tempos eram muito difíceis: tempos de guerra. A luz era fornecida por um gerador que era desligado às nove e meia todas as noites.

Foi D. Joana quem ensinou as meninas a arrumarem as lâmparinas pra depois que a luz apagasse.

Ensinou-as a “caçar” lenha no mato, e a arrumá-la em feixes e a carrega-los na cabeça, a colher araquá e ingá, a limpar peixe e ainda, de quebra, ensinou à mãe um gostosíssimo pirão de cabeça de tainha.

— Xiii, meninada, hoje é melhor ninguém ir a praia. O mar está até grosso de tão bravo. Choveu por aí. E deve ter sido tempestade. Mar assim é perigoso! Ouvia ainda a voz mansa de sua mãe, sempre tão cheia de medos, alguns com justo motivo, outros, e na maioria das vezes, infundados. Só muito mais tarde, pode Elena compreender os medos todos de sua mãe.

Grávida de quatro meses, três filhas para cuidar, nova como era, ter de largar tudo que lhe dava segurança, e deixar o conforto a que estava habituada, para mudar-se para aquele fim de mundo. O que para todos foi prêmio, para ela foi castigo: ser um lugar à beira mar. O Brasil naquele tempo entrava na guerra. Havia medos nas pessoas. Corriam boatos...

— Podemos até ser atacados por um navio alemão. Era o que ela não cansava de dizer, e o que pensava então, só Deus sabe!

Só muito mais tarde, Leninha soube a causa da mudança. A família de seu pai fizera oposição política nas eleições para prefeito. Foi quando o novo médico, chefe da Saúde de São Paulo, arbitrariamente, fechou o Centro de Saúde da cidade e só por vingança, pois tudo ali funcionava de forma perfeita, com serviço de proteção contra a hanseníase, prevenção e tratamento de glaucoma, tuberculose, febre amarela e outras coisas mais.

Foi por isso que seu pai, único da família a ter emprego público, precisou mudar. Então o transferiram para o longínquo litoral sul.

O pai, ainda com trinta e quatro anos, já tão cheio de responsabilidades; mulher grávida, três filhas... é claro que deveria estar assustado como a mãe, contudo seu senso de responsabilidade falava mais alto e também, seu espírito aventureiro, intimamente, exultava com a perspectiva da mudança. Ia exercer sua medicina onde ninguém o conhecesse, valeria por si mesmo, não pelo nome que carregava.

III.

As imagens foram passadas gravaram-se muito fortes na memória de Elina. Era só fechar os olhos e elas voltaram tão nítidas que poderia sentir o cheiro, o gosto. Voltava o tempo.

Sentiu até o antigo cheiro de maresia a entrar-lhe pelo quarto adentro e chegou a encolher-se, sentindo pelo corpo, o vento frio que vinha do mar, naquele julho cinzento, perdido no tempo.

Só uma coisa era obscura nas recordações de Elena: o rosto jovem dos pais.

Engraçado, ela lembra-se do corpo, às vezes do riso, mas não conseguia fixar as feições. Que pena! A beleza deveria ficar aprisionada para sempre na memória; no entanto só a última imagem é a que nos sobra.

É por isso que Elena se recusa a ver pessoas mortas. Fica-lhe na cabeça aquela imagem dos mortos. Estátuas pálidas, tristes, solitárias... Para onde irão?

O tempo passa rápido demais. No entanto, em nosso inconsciente, tudo continua a ser próximo. Acho que na eternidade será assim, — pensa Elena.

Sem passado, sem futuro. Será assim no inconsciente de Deus? Tudo num eterno presente?



www.editorapenalux.com.br

